



Para a escritora portuguesa,

A CRISE ATRAPALHA O FEMINISMO

e para defender ideias de igualdade temos de nos colocar no lugar do outro

Por Carlos Costa
Fotos José Geraldo Oliveira

Na biografia de Inês Margarida Pereira Pedrosa, uma escritora de fôlego da nova geração portuguesa, consta que nasceu em Coimbra em 1962, mas ela faz questão de esclarecer que foi apenas acaso. “Minha família é de Tomar, e ali não havia maternidade, então minha mãe teve que ir desovar em Coimbra.” Depois de desovada, Inês voltou para Tomar e viveu uma infância tranquila até os 4 anos, quando a família se mudou para Lisboa.

Em 1975, com 14 anos, publicou o primeiro texto na revista *Crônica Feminina*. Formada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, iniciou carreira na redação de *O Jornal*, em 1983. Passou pelo *Jornal de Letras, Artes e Ideias* e *O Independente*. Foi diretora da revista *Marie Claire* em Portugal, de 1993 a 1996. Estreou na literatura em 1991, com o livro infantil *Mais Ninguém Tem*, e no mesmo ano lançou *A Instrução dos Amantes*. Em 1997 ganhou o Prêmio Máxima de Literatura com o livro *Em Tuas Mãos*. Em 2002 publica *A Menina Que Roubava Cargalhadas e Fazes-Me Falta*, lançado aqui no ano seguinte (Planeta do Brasil). Em 2003 publicou o livro de contos *Fica Comigo Esta Noite*; em 2007 *A Eternidade e o Desejo*; em 2008 *No Coração do Brasil: Seis Cartas de Viagem ao Padre António Vieira*. Seu último romance, *Os Íntimos*, acaba de ser lançado este ano.

Na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) de 2008, seu feminismo sutil e sem carregar bandeira causou sensação. “Não tenho medo da palavra feminista e ainda é preciso usá-la. O que realmente me irrita, e não participo, é de mesas onde só há mulheres debatendo questões femininas. Não acredito nisso. Ser feminista não significa que tenho de fazer uma escrita de gênero, isso pode ser subterfúgio para promover má literatura ou afundar a boa.” Colunista do jornal *Expresso*, é figura polêmica na cena portuguesa, pois fala de tudo: política, religião, cultura e outros temas do mundo contemporâneo, como a despenalização da interrupção voluntária da gravidez e o casamento entre pessoas do mesmo sexo.



Durante nossa ditadura, os escritores portugueses eram censurados, mas não os livros vindos do Brasil [risos]. Jorge Amado se tornou muito popular, por sua escrita apimentada

Desde 2008 Inês Pedrosa dirige a Casa Fernando Pessoa, em Lisboa. “Meu trabalho aqui representa mais do que imaginava. É entusiasmante, pois Pessoa é o Pessoa.” Apaixonada pelo poeta, não se intimida e o exalta como “avassalador e insuperável, mas não esmaga talvez por ter uma obra fragmentária. Quando leio *O Livro do Desassossego* mais vontade tenho de escrever. O poeta deixa pontas soltas para todos os lados e isso é estimulante do ponto de vista da escrita”. Foi na Casa Fernando Pessoa que Inês Pedrosa recebeu a reportagem de *Getulio* para esta conversa.

Uma questão que pode ser início de conversa é saber sua posição sobre o Acordo Ortográfico.

Inês Pedrosa É uma utopia pensar em uma língua única, pois existem inúmeras diferenças que não têm nada a ver com ortografia. O que distingue o português de Portugal do português do Brasil não é tanto a ortografia e sim a sintaxe, a expressão pronominal, a construção, o uso do gerúndio, portanto as línguas continuarão diferentes. Li o acordo, ele mantém diferenças e engendra outras, por isso não acredito na criação de uma língua única. Acho desperdício de dinheiro, depois de tantos livros deitados à rua.

Um amigo português comenta que algumas expressões do português do Brasil ficaram cristalizadas por causa da situa-

ção do colonizado que tem medo de perder a língua mãe, e que nosso português é muito similar ao falado aqui no século XVII, enquanto em Portugal o idioma evoluiu para outros caminhos.

Inês Pedrosa Não sou linguista, mas há muitas expressões do português do século XVII que ficaram no Brasil e não existem aqui em Portugal. Mas o Brasil é mais informal e inventivo na questão da língua, não chegaria ao ponto de afirmar que o nosso português é mais futurista e o de vocês menos. Vocês preservaram algumas palavras e criaram outras. Não vejo isso como sendo duas línguas, penso que são duas versões da mesma língua e que pela sua construção gramatical é muito difícil uniformizar.

Lendo seu último livro, *Os Íntimos*, deparei com a palavra “berma”. Sei que se refere a algo relativo a via ou estrada...

Inês Pedrosa É a margem da rua, da estrada. Como vocês chamam?

Acostamento. Do ponto de vista jornalístico é mais complicado, pois se escrevesse para um jornal daqui teria de adotar um jeito que não me é comum.

Inês Pedrosa A questão da escrita jornalística não é um problema. No mesmo jornal em que escrevo [*O Expresso*], o Luis Fernando Veríssimo mantém uma crônica semanal em português do Brasil e que tem um imenso acolhimento.

Na antologia *Desacordo Ortográfico*, Mia Couto faz uma introdução interessante, relatando a descoberta da literatura brasileira e como a mesma língua pode produzir coisas tão diferentes do ponto de vista da criatividade.

Inês Pedrosa Tive essa mesma experiência. Aos 12 anos li *Clarissa*, do Érico Veríssimo, e foi importantíssimo para mim, assim como a poesia de Carlos Drummond de Andrade ou a ficção do Jorge Amado – e esse em particular é muito interessante. Durante a nossa ditadura, os escritores portugueses eram censurados, mas livros vindos do Brasil não sofriam censura [risos], Jorge Amado se tornou muito popular por sua escrita apimentada, e foi por meio dele e do Veríssimo que conheci as especificidades expressivas da língua e também sua comunicabilidade. Os dois têm uma escrita clara, transparente, comunicante e muito livre. Meu livro *A Eternidade e o Desejo* se passa integralmente na cidade de Salvador e deliberadamente escrevi em português de Portugal e do Brasil. Quando os personagens brasileiros falam, uso o português de lá, inclusive adotando a ortografia brasileira. Isso antes do acordo ortográfico.

Qual sua relação com o Brasil?

Inês Pedrosa Todos os anos o Centro Nacional de Cultura de Portugal promove uma viagem de escritores e artista plásticos sobre o tema “Os Portugueses ao Encontro de sua História” e o produ-

O Rio tem uma beleza particular, mas São Paulo é maravilhosa. Sempre ouvi que era uma cidade violenta, brutal e feia. É uma Nova York desarrumada e mais calorosa

to final é um álbum. Eu e João Queiroz fomos convidados a realizar o percurso do Padre Antônio Vieira no Brasil: Salvador, onde viveu por muitos anos, mas também São Luís do Maranhão, Belém, Recife e Olinda. Durante a viagem surgiu a ideia do livro. Foram três semanas entrando e saindo de tantos museus e igrejas em Salvador, e diante de tal intensidade visual ficou aquela sensação de que não havia tempo para se fixar em nada. Era um excesso de visão. Passei a fechar os olhos e me perguntava o que tinha para ser visto ali. Dessa maneira construí a personagem Clara uma professora portuguesa que volta a Salvador anos depois de uma terrível experiência na cidade: ao tentar salvar o homem que tanto amava levou um tiro que a deixou cega. Ela e um amigo, Sebastião, vão para Salvador seguindo as pegadas de Padre Antônio Vieira em busca de conforto e inspiração em seus sermões, mergulhando no sincretismo religioso da cidade. Sebastião é quem lhe empresta a visão das coisas e das cores, e que não pode viver sem ela, apesar de não ser correspondido em sua paixão. Atrasei o livro de viagem, pois voltei com *A Eternidade e o Desejo* começado, era um romance que estava atravessado, um diálogo que mantenho comigo mesma sobre essa divisão que existe em mim a respeito de Portugal e do Brasil. Minha intenção foi fazer um livro que desse conta desta visão.



E o livro da viagem?

Inês Pedrosa Depois de dois anos de trabalho o resultado foi *No Coração do Brasil: Seis Cartas de Viagem ao Padre Antônio Vieira* [Editora Dom Quixote]. Em cada sítio fiz uma carta grande, comparando aquele território em seu tempo e como o encontrei hoje.

Por que essa ligação tão forte com o Brasil?

Inês Pedrosa [risos] Não sei, ou seja, penso que parte dessa ligação é porque tive uma forte relação desde cedo com a literatura brasileira.

Chama atenção o fato de ter lido *Clarissa*.

Inês Pedrosa Na mesma época li *Olhai os Lírios do Campo*, e *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro Vasconcelos. Chorei ao ler aquilo. Fui ao Brasil apenas em 1999. A minha relação com a música brasileira também é forte e sem contar que sempre fui muito acarinhada pelos brasileiros. O Rio de Janeiro tem uma beleza particular, mas também a cidade de São Paulo é maravilhosa. Sempre ouvi que era uma cidade violenta, brutal e feia. Não tive essa sensação, penso que é uma Nova York desarrumada e mais calorosa. Isso tem a ver com o modo descontraído e menos formal, dar a volta às coisas e não se abater com as desgraças, talvez por isso o país tenha crescido tanto e sobrevivido tão bem a tantas coisas más que aconteceram.

O Brasil vive um momento muito feliz.

Inês Pedrosa É verdade que tive a sorte de conhecer uma determinada fatia do país que é muito estimulante. O Brasil é imenso e muito sedutor, mas sempre me impressionou o fato de ser um continente que mantém a ideia de uma grande nação e ser constituído de tantos pedaços tão diferentes. Noto que existe um cruzamento entre a alta e a baixa cultura e uma vontade de democratizá-la, o que não acontece aqui. Na música popular existem compositores de grande qualidade, como o Antônio Cícero, filósofo e poeta, o José Miguel Wisnick, professor da USP. O trabalho que se faz sobre literatura portuguesa no Brasil é melhor do que o que se faz atualmente em Portugal. Camilo Castelo Branco, um escritor que admiro, praticamente não é estudado aqui. Não apenas os grandes clássicos, mas também os novos estão sendo tema de estudos lá, ou seja, há vontade de descobrir e uma abertura para o novo. Sinto uma comunhão muito grande com esse modo de estar na vida, de sorrir...

Senti estranhamento ao ler *Os Íntimos*. Não há descrição de personagens ou do ambiente, o tempo todo é um fluxo narrativo masculino.

Inês Pedrosa O livro se passa em uma noite em que acontece um jantar entre cinco homens que se veem regularmente. Todos olhando para dentro de si e a narrativa se inicia com

Guilherme cruzando a cidade de Lisboa. O grande personagem do livro é a cidade de Lisboa.

A primeira cena, de sexo oral debaixo da Ponte do Oriente, é impactante.

Inês Pedrosa [risos] Exatamente, e chocou muita gente. Queria homenagear a cidade de Lisboa, e lendo e relendo *O Livro do Desassossego* senti a necessidade de reiterar uma coisa que é fascinante: a forma com ele fala e sintetiza a cidade. Lisboa sempre foi aberta ao mundo, um bocadinho de mundos diferentes, e tem dentro de si um bocado de cada coisa do mundo por causa das pessoas. É uma placa giratória e as pessoas se sentem universais aqui. Busquei mostrar a beleza da cidade em uma noite de chuva e névoa, então o personagem atravessa a cidade para se encontrar com amigos ao mesmo tempo que busca suas memórias. Trabalhei com o humor. Nós temos um humor cáustico.

Um humor negro?

Inês Pedrosa Sim [risos]. Recentemente tivemos esse vulcão da Islândia que afetou o tráfego aéreo, aeroportos sendo fechados, voos cancelados. E surgiu logo a piada: “Sabe qual foi o último desejo da economia da Islândia antes de morrer? Que suas cinzas fossem despejadas sobre a Europa [risos].”

Mas voltando à pergunta: como é uma mulher escrevendo na voz masculina?

Inês Pedrosa Essa questão já foi colocada quando Gustave Flaubert escreveu *Madame Bovary*. Um escritor ou escritora precisa ser poroso e capaz de penetrar na alma de qualquer ser humano e entender também do sexo. Pessoalmente foi muito mais difícil encarnar no romance *Em Tuas Mãos* uma mulher de 80 e tantos anos, prestes a enlouquecer por ter vivido um casamento branco e nunca consumado. Ela descobriu na noite de núpcias que seu marido era homossexual. O cenário é um Portugal dos anos 40. Foi mais difícil encarnar essa mulher do que um homem da minha geração. A marca dos anos está na linguagem mais do que qualquer outra coisa, também no comportamento e na atitude, mas são pessoas que estão

à minha volta e, portanto, posso tomar notas, ou seja, é uma investigação fácil de realizar, do ponto de vista de forma. Precisamente queria perceber como é este mundo em que supostamente acabaram as discriminações de gênero e homens e mulheres têm os mesmos direitos.

Isso é mais ou menos, não?

Inês Pedrosa Sobretudo neste país do sul da Europa onde há fortes tradições “Maria Alvinas”, de uma sociedade patriarcal. A grande revolução que ocorreu depois da revolução espacial do século XX foi a criação de intimidade entre homens e mulheres. Até então as pessoas viviam em um mundo pequeno e hierarquizado por castas



ou classes e a intervenção das mulheres nas escolhas era pequena. Hoje, quando escutamos que “a família está a desabar”, é preciso ver de que família se está falando. Os casamentos se desfazem, mas se repetem e para mim isso quer dizer que as pessoas acreditam na vida a dois e na constituição de uma família. Queria discutir em *Os Íntimos* como os novos homens convivem com essa realidade e fiz com que os personagens falassem de suas relações de intimidades com suas mulheres e com outras pessoas. Tenho vários amigos e era constante o fato de um ter uma zanga com outro e por várias vezes eu tomava as dores de um. Logo em seguida eles voltavam a reatar a relação como se nada houvesse ocorrido.

Isso não acontece com as mulheres?

Inês Pedrosa Não. Duas ou três vezes falei que não entendia e passei a me perguntar o porquê.

Chegou a alguma conclusão?

Inês Pedrosa Começo a não ter conclusão nenhuma. O que percebi é que em geral os homens são educados para não ter expectativas em relação aos outros seres humanos, até porque ainda hoje são educados para a guerra e não para acreditar no amor eterno ou em príncipes encantados.

Isso transparece no livro.

Inês Pedrosa A baixa expectativa faz com que sejam mais tolerantes com os erros alheios.

Qual o livro que lhe deu mais gosto escrever?

Inês Pedrosa Todos. O meu *best seller* foi *Fazes-Me Falta*. Quando mostrei a meu editor, muito simpaticamente ele tentou convencer-me a mudá-lo, por achar que era visceral, filosófico e muito triste, e isso poderia ser ruim do ponto de vista comercial. O livro foi muito mal compreendido pela crítica e se tornou um grande sucesso de público.

A senhora mudou algo?

Inês Pedrosa Não mudei nada e foi o melhor que fiz. Trabalhei no livro todo o meu sentimento de perda. Embora não seja autobiográfico, escrevi o livro em cima de uma dor grande que foi a morte de meu pai. *Fazes-Me Falta* são dois monólogos entre a vida e a morte na voz de uma mulher que acabou de morrer e do seu grande amigo. Escrevi o livro a mão e de um jato só. É um trabalho muito intenso, mas devo confessar que estou um pouco cansada do sucesso que o livro teve. Escrevi o livro em 2001, depois disso publiquei outros tantos, mas todos fazem somente referência a ele. Chego a ter raiva do *Fazes-Me Falta* [risos].

Em dezembro de 2009 a senhora escreveu no jornal *Expresso* “Só Lula se pode vangloriar de seu próprio analfabetismo”.

Inês Pedrosa O Caetano Veloso teria dito que o Lula era analfabeto, depois explicou que quis dizer que o

Lula por ser analfabeto estava mais próximo do povo. O próprio Lula teria dito em algum momento que não era necessário estudo, se referindo a si mesmo, pois não havia estudado e chegara a presidente. Como presidente da República de um país em crescimento e em que o analfabetismo é um problema esse não é um bom exemplo. Isso gerou muita polêmica e ficou como se o Caetano tivesse chamado o presidente de analfabeto. Eu mesma vi o Lula na televisão dizer que “eu que sou quase analfabeto”, ou seja, só ele pode se gabar do seu analfabetismo e ninguém mais. Sei de suas várias qualidades, mas se fosse por 15 dias primeiro-ministro de Portugal ele morria. Ele é um presidente inteligentíssimo, difícil de ser substituído, porém não é Deus e até, graças a Deus, onde sei não é Fidel Castro. Então podemos criticá-lo sem que isso se torne um problema de Estado. Muitos criticaram a frase do Caetano, mas acho que democracia é ter liberdade para dizer o que se pensa.

Vamos a outra de suas frases: “O feminismo libertaria os homens, se as mulheres deixassem”.

Inês Pedrosa Enquanto fizerem congressos feministas em que só se convidam mulher para falar de problemas de mulheres e onde se considera que o feminismo é uma causa só das mulheres nunca chegaremos a uma igualdade. Participei de um debate na televisão juntamente com o sociólogo António Barreto. Ele disse que não podia ser feminista por não ser uma mulher. Falei que ele não poderia ser antirracista por não ser negro. Para defender ideias de igualdade temos de nos pôr no lugar do outro e é aonde quero chegar: o feminismo tem que libertar os homens. Fala-se muito de direitos iguais, mas por que quando há divórcios automaticamente a guarda fica com a mãe? Não vou a congressos feministas em que há apenas feministas falando com outras feministas, pois tenho outras coisas para fazer na vida, não tenho tempo para rezar missas para convertidos. O feminismo é uma causa humanista assim como o combate ao racismo e, portanto, deve ser um movimento aberto a toda a sociedade.

Outra frase sua: “O ataque ao casamento homossexual indica fixação no sexo e no poder”.

Inês Pedrosa Há uma mentalidade que o que determina uma pessoa é o que ela faz na cama. Católicos e puritanos estão mais preocupados com o sexo do que com o amor e agora se colocam contrários ao casamento ente homossexuais por não quererem que um casal homo adote filhos. Cria-se aquela ideia de que o que eles fazem é perverso e não podem educar uma criança, esquecendo-se de que os homossexuais são filhos de heterossexuais.

Há um comentário em seu livro, que achei muito “giro”, quando diz que “o sexo oral não está feito para gerar criancinhas”.

Pessoalmente foi muito mais difícil encarnar no romance *Em Tuas Mãos* uma mulher de 80 e tantos anos, prestes a enlouquecer por ter vivido um casamento branco

Inês Pedrosa A minha mãe, um mulher moderna de 74 anos, quando leu me falou: “Não havia necessidade”. Não pensei que aquela cena que abre o livro fosse chocar nem tinha a ideia de que fosse chocante. O sexo é entendido apenas como uma forma reprodutiva. Algum cientista americano sempre cria uma nova teoria para justificar a infidelidade masculina como uma questão de preservação da espécie ou disseminação do sêmen para um maior número de mulheres... A literatura portuguesa fala pouco de sexo e quando fala é metaforicamente. Por exemplo, *As Novas Cartas Portuguesas* [escrito por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa em 1972], que retrata a ascensão do desejo das mulheres

e ainda hoje é criticado pela sociedade, ou seja, essa questão ainda não está resolvida e por isso tenho necessidade de falar sobre esse assunto. O feminismo ainda está associado à forma de comportamento das mulheres. Na época da Margaret Thatcher me irritava ouvir que ela “era uma mulher que agia como homem”. As mulheres têm o direito de agir como quiserem, os homens sempre tiveram esse direito. As mulheres não precisam ser todas maternais, santas, educadinhas, gostar apenas do amor.

Em 2008, quando a senhora esteve na Flip, houve um estardalhaço por ser considerada uma escritora feminista. Isso incomodou?

Inês Pedrosa Não tenho medo da palavra feminista, ainda é preciso usá-la e ser reivindicada por homens e mulheres. O que realmente me incomoda é: “Você é feminista, mas o seu personagem é muito machista”. Claro! O romance é uma reflexão sobre a realidade ou uma narrativa da realidade, não fico pensando “vou fazer um romance feminista”. Como pessoa, acredito que o feminismo ainda precisa fazer o seu caminho, inclusive penso que ele retrocedeu. Toda vez que há uma crise econômica ele retrocede. Observe como os meios de comunicação têm falado sobre a falta que as mulheres fazem em casa para a educação dos filhos, para que eles não se droguem ou corram o risco de seguir um mau caminho. A revista *Times* publicou uma capa com a história de uma mulher, física nuclear, que abandonou tudo e voltou para casa para cuidar dos filhos. Isso é reflexo da crise financeira e do desemprego, e um retrocesso na emancipação feminina. [Enfática] O que realmente me irrita e que faço questão de não participar é de mesas onde só há mulheres debatendo questões femininas. Não acredito nisso. Ser feminista não significa que tenho de ser uma escritora com escrita de gênero, inclusive isso pode ser subterfúgio para promover má literatura ou afundar a boa [risos]. Livros são bons ou fracos e não acho que cabe uma conversa sobre escrita masculina ou feminina.

Literatura é literatura?

Inês Pedrosa Literatura é literatura sempre. 